INQUILINOS DA VIA PÚBLICA

Estava sempre lá ou, pelo menos, assim me parecia.

Todo fim de semana, ao dar o meu passeio habitual, via-o acomodado no mesmo local. Roupa cinza, desbotada, porém limpa, completa: paletó e calça, camisa de colarinho fechado no pescoço, gravata, meias e sapatos. Completavam-lhe o visual: óculos redondos, com uma das hastes substituída por arame enrolado com barbante. Sentado, circunspecto, mãos cruzadas no colo, completamente silencioso — parecia mergulhado em pensamentos profundos, quem sabe?, questionando a própria vida...

Na primeira vez que o vi, assisti a todo o ritual de instalação para o fim de semana. Chegara com passo miúdo, portando uma sacola abarrotada em cada mão e, metodicamente, as colocara junto ao frondoso *ficus* indiano. Inspeccionara, então, a área. Com galhos quebrados da vegetação em torno, varrera as folhas secas, juntando-as num pequeno monte ao qual ateou fogo. Olhos fixos nas labaredas esperara pacientemente a formação das cinzas e as espalhou pelo terreno. Só então desfizera a bagagem: caneco, prato, talher, um pão, uma lata de farinha, pedaços de carne seca e uma panela encardida de fuligem e gordura. Cobertor surrado e desfiado nas pontas, toalha de rosto, um pequeno travesseiro e um oleado escuro, rasgado em alguns pontos. Dispusera esses objetos numa sequência funcional, lógica, e arrumara um tripé com pedras soltas, preparando um fogão com lenha de gravetos. Indiferente — ou ignorando o fato de estar sendo observado —, ensimesmado, esquentara sua comida.

Retornando do passeio, vi-o a gozar a sesta, numa serenidade compatível com o descompromisso social de sua vida.

Despertada minha curiosidade, surpreendi-o, no dia seguinte, folheando atentamente um jornal (estaria, realmente, lendo?), recostado ao tronco da árvore acolhedora. Minha tentativa de aproximação curiosa foi claramente barrada pelo dobrar brusco do jornal, seguido de acomodação no leito improvisado, como para dormir. Passei ao largo...

Doutra feita, numa tarde chuvosa, o descobri instalado sob a marquise do prédio da Faculdade em cujo jardim, nos dias de tempo bom, tomava posse do seu terreno sob as árvores.

Jamais lhe ouvi a voz. Acostumei-me à sua presença, como parte integrante daquele espaço, apenas nos fins de semana. Nos dias úteis, onde pousaria? Quem seria, que faria, qual seria a sua estória? Indagações não respondidas deixei que a fantasia construísse diferentes enredos explicativos daquela existência, tão próxima no espaço, mas tão afastada, na realidade. Passaram-se meses e a rotina pouco se alterava: observador e observado pareciam ignorarem-se mutuamente.

Numa tarde de sábado notei, de longe, algo inusitado: três ou quatro homens rodeavam a figura familiar que, em grandes gestos, movimentação animada e voz alta, excitada, fazia um relato pormenorizado, aparentemente dramático, de episódio que lhe teria acontecido. Aproximei-me cautelosamente — para não desviar a atenção do grupo —, e ouvi-lhe a estória. Mesmo tendo perdido o início da narrativa, senti-me presa ao enredo, maravilhada pela representação.

“Fui lá. O menino me disse onde eles estavam. É no que dá confiar em criança... A água estava barrenta da chuva da noite. As roupas ensaboadas, todas misturadas na bacia. Primeiro, vi as pernas. Dela e dele. Enlameadas. O sol vermelho, esquentando as minhas costas. Vermelhos meus olhos e o cabelo sarará dela. O pixaim da cabeça do negro levantava e abaixava — como quem cava na terra. As mãos dela, nas costas dele — como quem passa roupa —, alisavam-lhe a pele molhada de suor. Lembrei-me do que eu sentia, quando ela fazia assim, comigo... O frescor do rio esfriou minha cara — mas não o meu sangue! Sangue fervendo, subindo, estourando meus miolos. Tirei do cinto o meu facão de mato e — devagar como se espreita cobra — cheguei perto. O facão subiu no ar, zuniu na descida, a cabeça preta rolou ribanceira abaixo, os peitos dela se lavaram em sangue — os pulmões estufando pelo talho aberto —, o olhar esgazeado, rolando para mim. Não gritou, nem falou. Completei o serviço numa estocada só. Deixei lá. Não olhei para trás. Já faz tempo... Não sei do menino,

deve estar grande. Rolei pelo mundo, fazendo de tudo. Cabeça quente não me deixava esquentar lugar. Estou aqui. Peço a um, peço a outro, sempre me dão alguma coisa. De fome, não morro, mas, trabalhar, não dá! Não bulo com ninguém, deixam-me em paz. Até quando me for. Até quando Deus se lembrar e me chamar...”.

Sumiu. Mais de um ano depois, encontrei-o em rua movimentada, sob a árvore de pequeno estacionamento. Pedindo esmolas, falando muito. Apressada, disse-lhe: “*Não tenho*” Xingou-me. Segui adiante. Envergonhada...

Carrinho de mão enfeitado com mil bugigangas: placa de carro, farol de bicicleta, encerado negro esburacado cobrindo os pertences; sacolas de roupas, latas de mantimentos, ferramentas, revistas velhas, jornais amassados, pedaços de vela, garrafa com água. E uma cadela atrelada ao carro. É uma casa ambulante.

“É minha casa, dona!”, diz ele. “Vou para qualquer lugar. Tudo meu está aí. É tudo que tenho. Encosto em qualquer lugar: viaduto, marquise, muro de casa — quando me deixam, se não implicam... Caso contrário, mudo de zona. De dia, trabalho — se pinta algum “bico”: lavo carro, conserto torneira, desamasso panela. De noite, me encosto, me cubro de trapos. Mimososa vigia. É minha cadela. Fiel. Do que como, ela come primeiro. É só quem me resta. Já tive família, e terra, também! Pequenas. Roçado suado, ao Deus-dará da chuva. Três filhos mirrados de fome e doença. Mulher, esgotada de parir e criar. Criação pequena, de frango e bacurim. De vender no mercado, junto com as ervas. Erva do mato, catada na sabedoria. Para chá e purgante, mezinha e banho. Estiada esticada matou a criação e a criançada. Enfraqueceu meu pulmão. Procurei minha saúde, fui bater na cidade. A prefeitura me deu passagem, para internação no IBIT. Tive alta. Batalhei. Nem força mais tinha, para cavar a terra gretada. Larguei. Voltei para a cidade. Biscateei. Daqui e dali, mandava uns trocados para a mulher ir vivendo. Desisti. Na Capital cheguei, fui logo roubado, e o pouco que tinha, em nada ficou. Morri de vergonha, mas mendiguei. Catei papelão, ferro velho apanhei. Vendi na

Preguiça, miúdo juntei. Comprei ferramenta e astuciei: caneca de lata, caçarola, também, grelha de arame, gaiola de taquara. De tudo eu fiz e vendi — quando não me roubavam... E fiz o meu carrinho e assim vou levando... Mulher? Ficou lá. Não sei se ainda está. Eu sei que estou cá — e não vou voltar! Até!”

E lá se foi, carregando o peso da estória. A cadela, trotando ao seu lado.

Um afago...

Vida.

Debochada, bunda empinada, saia curta expondo coxas e pernas — era a festa, no meio da roda.

De longe a vi e ouvi seu cantar. Entoadada. Mão-aberta, distribuía com os companheiros o que recebera dos transeuntes. Guardou pouco para si — interessada que estava na garrafa de pinga escondida entre as moitas. Sem vexame, desnudou-se ali mesmo — e atirou-se no Dique. Traquinou como criança e voltou ao real: lavou roupa, fez comida, peixe recém pescado. Esticou-se na grama, curtindo a sesta — melhor que burguês! Sonhou...

Era nos tempos do mangue.

Pernas fortes enterradas na lama até os joelhos, saia arregaçada entre as coxas, presa no cinto. Mão caçando e agarrando guaiamun. Fileira comprida. Suor escorrendo, sol esquentando, algazarra de meninos. Maré enchendo. Hora de voltar, vender no mercado. Dinheiro, não dava para tudo que via e queria...

Outro mangue: Maciel.

Braço caçando e agarrando janota. Perfume barato, boca escarlate, pulseiras, brincos. Serviço ligeiro, na cama que range. Pronto Socorro...

Acorda enjoada. Vomita cachaça, espinhas de peixe, angu de caroço. Chora.

Primeiro, aos berros. Depois, de mansinho...

Triste.

Só.

Abraça os joelhos e se embala num canto lento - longínquo como cantiga de infância.

Cheguei perto. Sentei-me ao seu lado. Muda. Ouvinte.

Ouvi dos sonhos que repetem a vida, e da vida — que lhe negou os sonhos.

Deixei-a só...

Mas, carreguei-a comigo,

no seu desalento,

na minha compaixão.